

Na boca do lixo: de onde vem e para onde vai o que descartamos

Quando descartamos o que não nos é mais útil, não pensamos nos impactos desta atitude. O ato de jogar algo fora é mecânico e não exige uma grande abstração. Muitas vezes, nem pensamos se aquilo que foi para a lixeira poderia ser reutilizado. Ou ainda, aproveitado por outra pessoa. Afinal, o que de fato pode ser considerado lixo?

CARLA BARROS E RENATA MAGALHÃES

Não é comum pensarmos nisso, mas nem sempre o lixo foi o que é hoje. Ao longo de toda a nossa história, ele sofreu – e ainda sofre – mudanças significativas. A conceituação do lixo também não é algo simples. Segundo os dicionários da língua portuguesa, é tudo aquilo inútil; imprestável; velho; sem valor; entulho; ou material produzido pelo homem que perde a utilidade e é descartado. Mas esta é uma visão bastante restrita.

Na área da Educação Ambiental, convencionou-se que o conceito de lixo não é algo fechado. O jornalista e professor de Comunicação e Meio Ambiente da PUC-Rio, André Trigueiro, explica

que isto se deve ao fato de que o que é lixo para uma pessoa, pode não ser para outra. “Um catador não pode ser chamado de catador de lixo porque ele não vai perder tempo com o que não tem utilidade ou serventia para ele. Ele discrimina, no universo dos resíduos, aquilo que tem valor de mercado, aquilo que assegura seu ganha-pão. O que não é útil para você, pode ser para ele”.

Para ajudar nestas definições, a Política dos Resíduos Sólidos, lei brasileira sancionada em agosto de 2010, diferencia *resíduos* e *rejeitos*. Resíduo é aquilo que ainda tem utilidade ou serventia, para quem quer que seja. Eles são divididos em inúmeras categorias – sólidos urbanos, industriais, biológicos – cada uma delas com sua singularidade e indicadores de menor ou maior aproveitamento ou reciclagem. Já o rejeito é direcionado para os

aterros por não poder ser reutilizado de forma alguma. Como exemplo, temos o lixo hospitalar e o nuclear, além de materiais como isopor e espuma. “Hoje eu consideraria como rejeito o isopor por que, no mercado de reciclagem, eu nunca vi alguém interessado em segregar isopor. E olha que é um produto presente em todo transporte de eletrodomésticos e móveis”, explica Trigueiro. Segundo esta nova lei, os aterros não podem mais receber materiais orgânicos ou recicláveis, justamente por serem úteis para alguns grupos de pessoas.

A origem do lixo

O lixo não existiu sempre. O que havia em todas as sociedades eram os resíduos orgânicos. Segundo o antropólogo e professor da PUC-Rio José Carlos Rodrigues, lixo, na verdade, é um valor, é uma forma de olhar o resíduo como algo negativo. O que nós chamamos de lixo é aquilo que é asqueroso, que é perigoso e precisa ser posto à parte, longe do convívio social.

José Carlos Rodrigues compara a sociedade atual à medieval para compreender como conceituamos o lixo hoje. Na Idade Média as pessoas tinham uma relação tão íntima com os resíduos, que hoje nós poderíamos considerar promíscua. Animais mortos eram jogados nas vias de circulação, cadáveres eram enterrados em igrejas, ou seja, no centro da vida social, os excrementos eram amontoados até serem postos para fora de casa, e as pessoas não se sentiam mal com essa coabitação com os resíduos. “Isto é característico deste período porque havia a filosofia de que viver é misturar-se. O universo era entendido como um amálgama único”, explica Rodrigues.

Somente a partir do século XVIII, com as influências do Iluminismo e da Revolução Industrial, os resíduos começam a ser separados da sociedade por adquirirem uma significação negativa e passarem a ser de fato lixo. Ou seja, o que é considerado detestável e inaproveitável.

O lixo hoje

Podemos não nos dar conta, mas o lixo que circula na sociedade classifica as pessoas. Constantemente determinamos as coisas como úteis e inúteis. O que não tem mais serventia é descartado, então se torna lixo. Existe uma hierarquização



Trigueiro acredita que reciclagem não é a melhor solução para o lixo

social segundo aquilo que é considerado dejetos. Ele demarca grupos sociais relacionando diretamente ao poder aquisitivo. “Aquilo que eu descarto por não servir para mim, que jogo na lata de lixo, outro pega, vende, usa ou come”, comenta Rodrigues, que acrescenta: “Sempre que eu afasto o lixo de mim eu o aproximo de alguém”. O outro que entra em contato com o lixo, que aproveita o que é inaproveitável, é o subalterno, é aquele que ocupa o patamar inferior. Há um sistema complicado de hierarquização baseado na ideia de pureza e impureza.

A Revolução Industrial mudou também a forma de consumo. Desde então, consumir não serve apenas para suprir necessidades, mas para atestar *status*. Houve uma glamorização do consumo.



Segundo José Carlos Rodrigues, o lixo hierarquiza a sociedade

E, quanto mais se consome, mais lixo é produzido. Alguns fatores influenciaram para o grande aumento desta produção. Primeiro, a população mundial aumentou. Segundo, houve um crescimento econômico em

inúmeros países, como no Brasil. “São duas curvas muito coesas, é quase uma dança. Se aumenta a renda *per capita*, aumenta a geração de resíduos. Se cai a renda *per capita*, cai a geração de resíduos”, explica Trigueiro

Neste contexto, podemos apontar alguns gêneros como principais componentes neste montante de

lixo produzido. A sofisticação da sociedade de consumo determinou, por exemplo, uma perda dos alimentos naturais e um aumento da comida industrializada. Dessa forma, houve um crescimento do setor da produção de embalagens destes alimentos e por consequência, um aumento

na quantidade deste tipo de lixo. Estima-se que 30% dos resíduos brasileiros são embalagens.

É impossível também não citar o lixo eletrônico. Com a revolução digital, vemos cada vez mais novos produtos, que se tornam obsoletos em pequenos períodos de tempo. Novas gerações de um mesmo produto despertam o interesse da população. Outra questão é a fragilidade dos aparelhos, que parecem já vir com um curto prazo de validade. Isto torna o descarte rápido, o que aumenta a quantidade de lixo.

Existe solução?

Até o início do século XX, a maior quantidade de lixo produzido no Ocidente é de origem orgânica. Atualmente, a maioria é inorgânica. Após a Revolução Industrial, houve a substituição dos resíduos que a natureza pode consumir pelos industrializados, que são indestrutíveis. Há muito lixo esperando para ser degradado, e isso pode levar até milhares de anos. A grande questão hoje é que medidas devem ser tomadas para gerenciar todo esse lixo. Para José Carlos Rodrigues “um sistema econômico baseado na exploração

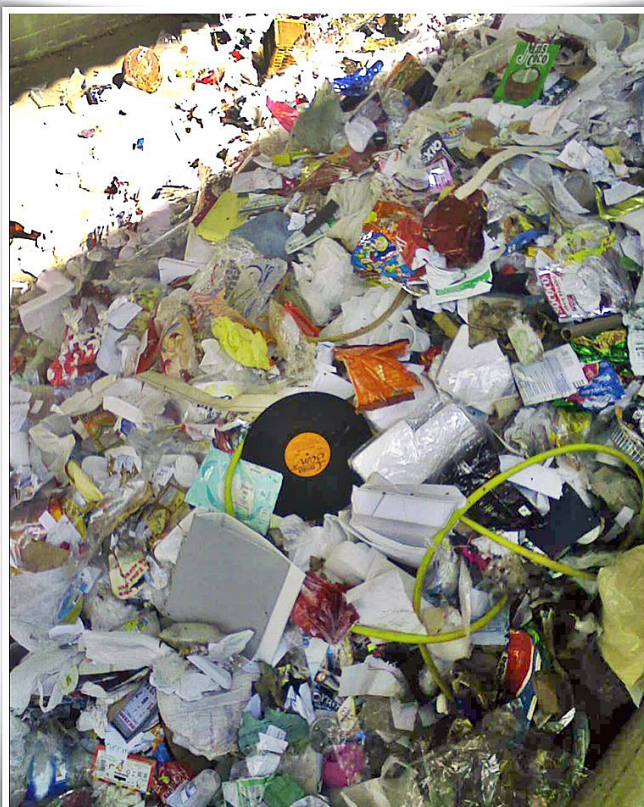
Práticas como reciclagem e combustão de lixo são consideradas fundamentais, mas não resolvem por si só o problema. Não existe uma solução única para o lixo

da natureza em ritmo industrial e a natureza se reestruturando em ritmo natural, anuncia uma catástrofe". Por mais que se encontrem medidas para adiar a catástrofe, o problema será apenas administrado e não resolvido.

A produção de lixo em média numa cidade como o Rio de Janeiro é de 9 a 10 mil toneladas diariamente. Embora o crescimento tenha sido exponencial, não se deu na mesma proporção a noção de que não há tanto espaço para guardar esses resíduos. Assim, medidas de emergência acabam sendo tomadas. A partir deste ano, o lixo do Rio será transferido para o novo aterro sanitário em Seropédica, a 90 km de distância. E ninguém parece se importar com isso.

Esta é uma questão cultural interessante. André Trigueiro propõe um exercício: "Se fizermos uma pesquisa perguntando qual é a solução para o lixo, a maioria das pessoas provavelmente vai dizer: é longe. Ninguém quer saber para onde vai, mas o problema está resolvido se não fica perto de você".

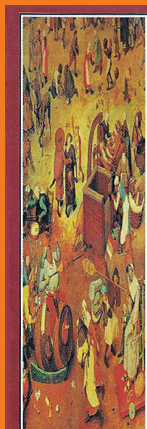
Dessa forma, fica a pergunta: existe solução para este cenário? Hoje, são feitas tentativas de remediar um problema que já está solidificado. Práticas como reciclagem e combustão de lixo são consideradas fundamentais, mas não resolvem por si só o problema. Outra ideia de grande importância é a reeducação da população a fim de diminuir o consumo desenfreado. Isso mostra que não existe uma solução definitiva para o lixo. "É



Bloc. Recic3e

O lixo brasileiro consiste principalmente em embalagens de alimentos industriais

preciso atacar em diferentes frentes. Se não for assim a gente vai mergulhar numa utopia boba defendendo a reciclagem. Países desenvolvidos já tentaram acabar com a queima de lixo, mas perceberam que apenas com a reciclagem não seria possível dar cabo de todo o lixo. Não é possível resolver um problema tão grande apenas com reciclagem. Temos que implementar outras políticas", conclui Trigueiro. 🐞



JOSÉ CARLOS RODRIGUES

HIGIENE E ILUSÃO

NAU

Para entender melhor a origem do lixo, leia o livro Higiene e Ilusão – O lixo como invento social, do antropólogo José Carlos Rodrigues

Para assistir: documentário Lixo Extraordinário, que acompanha o trabalho do artista plástico Vik Muniz no Jardim Gramacho, um dos maiores aterros sanitários do mundo, localizado na periferia do Rio de Janeiro.

